

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**



**A IMPRENSA COTIDIANA NO PERÍODO DE 1889 –  
1930 NA CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE DO  
NORTE**

**Orientando: Rodolpho Henrique Rêgo da Costa**  
Orientador: Prof. Dr. Helder do Nascimento Viana

NATAL - RN  
2005

Rodolpho Henrique Rêgo da Costa

**A IMPRENSA COTIDIANA NO PERÍODO DE 1889 –  
1930 NA CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE DO  
NORTE**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pelo professor Dr. Helder do Nascimento Viana e orientada pelo mesmo para fins de avaliação da disciplina e como requisito final para a conclusão do curso de História do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NATAL - RN  
2005



Rodolpho Henrique Rêgo da Costa

**A IMPRENSA COTIDIANA NO PERÍODO DE 1889 - 1930 NA  
CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

MONOGRAFIA APROVADA EM \_\_\_/\_\_\_/2005

BANCA EXAMINADORA

---

PROF. Dr. Helder do Nascimento Viana  
(Orientador)

---

PROF.(ª)  
(Membro)

---

PROF.(ª)  
(Membro)

## AGRADECIMENTOS

No decorrer dessa pesquisa contrai dívidas de gratidão com várias pessoas. Primeiramente gostaria de agradecer a meu orientador Dr. Helder do Nascimento Viana pela paciência, conselhos, esclarecimentos e por confiar em minha capacidade quando muitas vezes nem eu mesmo confiava, seus conselhos e orientações foram determinantes para a conclusão da minha pesquisa, com sua competência e seu respeito pelos orientandos, deveria servir de exemplo a outros tantos acadêmicos do país. Muitas pessoas também tiveram participação especial neste trabalho, seja pelas indicações bibliográficas, pelas discussões, palpites, estímulos ou incentivos.

Agradeço enormemente a Cleide pelas dicas importantes na elaboração desta pesquisa, também a meu amigo José Martins da Silva Junior pelas dicas de livros chaves.

Aos meus pais por terem me apoiado em todos os momentos da minha vida, sempre confiando em mim, também a minha irmã Rayanna pela paciência nos meus dias de estresse, a meus primos Kelly, Klinger e Janine, pelo incomodo do uso do computador. A minha vizinha Sandra por está sempre disposta a me ajudar, aconselhar e pela impressão da monografia.

Agradeço também a Deus por ter me dado a graça de concluir esse valoroso curso.

Agradeço enormemente a todos, por terem dividido comigo esse sonho de conclusão universitária. A todos minha eterna gratidão!

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a quem sempre esteve do meu lado em todas as ocasiões da minha vida, a quem sempre acreditou em mim, que me deu carinho, amor, e força para seguir em frente, enfrentando todas as adversidades da vida. A minha amada mãe, Matilde Fernandes Rêgo, que dedicou sua vida a mim, com todo amor.

Mãe, você sempre foi à base forte da minha vida, o alicerce que sustentou todos os meus passos, e se eu fosse um garimpeiro poderia dizer ter encontrado o maior diamante do mundo, que é você, minha mãe.

Sempre penso em todas as coisas boas que você me proporcionou e continua a me proporcionar. Com um simples olhar percebo todo amor e carinho que tens por mim.

A quem melhor dedicaria essa monografia, se não a pessoa que me deu o maior presente do mundo, "A vida!" A ti, minha mãe, dedico essa tese com todo amor e carinho, e tenha certeza que você é, e sempre será a mulher mais importante na minha vida.

Te amo!

***“O homem se torna muitas vezes o que ele próprio acredita que é. Se eu insisto em repetir pra mim mesmo que não sou capaz de realizar alguma coisa, é possível que me torne incapaz de fazê-la. Ao contrário, se tenho convicção de que posso fazê-la, certamente adquirirei a capacidade de realizá-la, mesmo que não a tenha no começo”.***

**Gandhi**

Costa, Rodolpho Henrique Rêgo da. **A Imprensa Cotidiana no Período de 1889 – 1930 Na Cidade do Natal do Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN, 2004, 50p. (Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pelo professor Dr. Helder do Nascimento Viana para fins de avaliação da disciplina e como requisito final para a conclusão do curso de História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

## RESUMO

Mostra que na sociedade a informação é um recurso indispensável, no período republicano não é diferente. As pessoas em busca de informação acabavam por ter em mãos jornais com conteúdo explicitamente políticos, no qual transpareciam a instabilidade política do final do século XIX. Os jornais serviam para mostrar uma visão da cidade, assim como os interesses que possuíam sobre os projetos da administração local. Assim, objetiva-se de modo geral analisar a representação da imprensa cotidiana na cidade do Natal no Rio Grande do Norte na Primeira República. De modo específico os objetivos são: analisar as relações do mercado e da sociedade com o jornalismo. Abordou-se alguns aspectos sobre o cotidiano da sociedade natalense, formas de se ler na Primeira República. Refletiu-se sobre a ascendência do jornalismo feminino, e ainda, discorreu-se sobre idealização e mercadorização dos jornais e sua relação com a política. Finaliza apresentando as considerações finais acerca desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Imprensa cotidiana;  
Leitores e Cotidiano da Cidade do Natal na Primeira República;  
Imprensa política na Primeira República.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	07
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	09
<b>2 LEITORES E COTIDIANO DA CIDADE DO NATAL NA PRIMEIRA</b>	<b>13</b>
<b>REPÚBLICA</b>	
2.1 Cotidiano no fim do século XIX e meados do século XX – Cidade do Natal	13
–RN	
2.2 Prólogo Educacional	15
2.3 Formas e lugares de ler	17
2.4 Preço e poder de compra	20
<b>3 A IDEALIZAÇÃO DOS JORNAIS</b>	<b>23</b>
3.1 Os jornais e a propaganda política	23
3.2 Os jornais e a propaganda religiosa	31
3.3 As mulheres e os jornais e revistas feministas	33
<b>4 A MERCADORIZAÇÃO DOS JORNAIS</b>	<b>37</b>
4.1 Crescimento econômico: Comércio e serviços da cidade do Natal	37
4.2 A propaganda é a alma do negócio	40
4.3 Novos leitores e os novos jornais	44
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>50</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade a informação é um recurso indispensável, sendo necessário, porém, encontrar meios de divulgação impressa no qual transpareça o cotidiano. No período republicano não foi diferente. As pessoas em busca de informação acabavam por ter em mãos jornais com conteúdo explicitamente políticos, no qual transpareciam a instabilidade política do final do século XIX. Assim, faz-se necessário um trabalho de análise bibliográfica e avaliação das fontes jornalísticas do período de 1889–1930.

A imprensa cotidiana vai estar vinculada à política, religião e a ascensão do feminismo, nesse estudo pretendeu-se avaliar a formação da imprensa em nosso Estado (RN), para ser mais preciso em Natal, no período da Primeira República (1889–1930), de que forma as idéias republicanas eram vinculadas nesses órgãos de informação, como alteravam o cotidiano local. Fernandes procurou caracterizar bem o impacto da imprensa, no nosso Estado após a Proclamação da República.

Diante de uma nova forma de governo que surge agora em meados do ano de 1889, a República, a organização das informações vão ser transformadas, pois “ate fins do primeiro quartel do século XIX era a imprensa inteiramente desconhecida no Rio Grande do Norte. A vida intelectual da Capitania estagnava-se sob a ação administrativa de governadores ineptos e interesseiros e só na imprensa doutras capitanias podia o raro espírito que se destacava da massa inerte dos indiferentes aventurar uma idéia ou externar uma queixa.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> FERNANDES, Luiz. A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908. Natal – RN: Sebo Vermelho e Fundação José Augusto, 1998. 162p.

Diversos aspectos caracterizaram a imprensa norte-rio-grandense nesse período. Pode-se afirmar que essa foi responsável por oferecer um relato do cotidiano social, pois os jornais publicavam matérias que repercutiam sobre a vida urbana, principalmente quando a questão estava vinculada às divergências político-partidárias.

Os jornais serviam para mostrar uma visão da cidade, assim como os interesses que possuíam sobre os projetos da administração local. Os mesmos, como veículos formadores de opinião, representavam interesses políticos bem estruturados, mas o que se observava era que, antes disso, surgiam outras relações que findavam por definir as diretrizes do jornal, no qual como empresa que era, visava lucros, benefícios e sua manutenção no mercado.

Uma primeira motivação para a realização desse estudo surgiu da percepção da existência de uma lacuna na história da cidade do Natal-RN. Essa não apresenta nenhum trabalho que trate da influência da imprensa nos vários setores sociais da cidade durante a Primeira República.

A presente pesquisa procurou compreender a representação da cidade feita pela imprensa, e as relações do mercado e da sociedade com o jornalismo. Para isto, tornou-se fundamental aqui tomar as representações do mundo social conforme definiu Chartier<sup>2</sup> como "componentes da realidade social, pois assim como as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais nem as determinam; elas próprias são campos de prática cultural e produção cultural"<sup>2</sup>.

Entre os estudos sobre a imprensa destacamos alguns trabalhos específicos. O de Heloísa de Faria Cruz, "São Paulo em Papel e Tinta, Periodismo e Vida Urbana

---

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações, Lisboa: Difel, 1990.



1890–1915”<sup>3</sup>, que estudou os jornais, revistas e almanaques paulistanos mostrando as relações entre a cultura letrada e a vida urbana, dando destaque ao papel que a imprensa teve nas vidas sociais dos grupos em São Paulo, durante a passagem do século XIX para o século XX.

O estudo de Cruz mostra a importância da imprensa como fonte de inúmeras relações pessoais, estabelece uma articulação entre imprensa e cidade, e mostra que o jornal era um instrumento de civilidade que atuava na cidade, contudo, esse continuava infectado por práticas nem sempre agradáveis para um instrumento público, fazendo com que muitas vezes houvesse intervenção do governo local, que se valia da defesa da moral e dos bons costumes.

De acordo com alguns autores, percebe-se de maneira mais clara, algumas dimensões inseridas nas matérias publicadas nos jornais que circulavam em Natal, em “A República”, a “Gazeta do Comércio” e o “Diário do Natal”. Dando atenção especial às notícias políticas no qual foi o motivo para a realização deste trabalho, mas também observando os anúncios considerados menos importantes tais como propagandas de remédios, lojas de roupa, aconselhamentos morais religiosos etc.

À medida que as instituições religiosas perderam a harmonia com as vontades individuais, elas procuraram à mídia para reatar o vínculo com a sociedade, ao mesmo tempo em que as pessoas procuraram reinventar suas identidades religiosas ao gosto de suas necessidades e desejos - “já que as pessoas possuem religiões e não vice-versa, a identidade religiosa é uma trajetória que pode incluir idas e voltas” Freston<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em papel e tinta, periodismo e vida urbana – 1890 - 1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial. SP, 2.000.

<sup>4</sup> FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment, tese de doutorado em Sociologia, UNICAMP, 1993.

Tudo que está inserido no campo que envolve a comunicação será sempre uma, forma de diálogo entre os produtores da mensagem e sua possível recepção, pressupondo escolhas tanto a nível teológico, quanto estético e fazendo com que a mensagem se transforme em uma intervenção na sociedade.

As mulheres por muito tempo ficaram a margem da educação, pois nessa sociedade a visão que se tinha referencia era de que a mulher só desejava aprender a ler pra escrever cartas para os namorados. Contudo, houve com o decorrer do tempo uma maior abertura, possibilitando a elas se inserirem no mundo intelectual, ganhando assim, aos poucos espaço na vida literária e jornalística.

Desta maneira percebe-se uma dinâmica maior na cidade, notando-se as mudanças de pensamentos a evolução da noticia e a incursão da mulher na vida social.

Os periódicos não tratavam somente dos problemas que envolviam as questões político-partidárias; eles também eram responsáveis pela formação da opinião pública, eram veículos integradores, encarregados da difusão dos acontecimentos importantes que ocorriam não só na cidade ou no estado, mas em outros lugares do país. Lier Ferreira Balcão<sup>5</sup>, quando estudou as colunas destinadas às reclamações nos jornais de São Paulo, entre os anos de 1900 e 1913, enfatizou o papel da imprensa escrita como meio de comunicação privilegiado que buscava penetrar nos territórios político e cultural da cidade. Outrora os espaços destinados à política eram os que tinham maior evidência, misturando-se aos problemas da cidade.

---

<sup>5</sup> BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913) in FENELON, Déa Ribeiro (org.). Cidades. São Paulo: ed. Olho d'água, 1999.

## 2 LEITORES E COTIDIANO DA CIDADE DO NATAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA

### 2.1 Cotidiano no fim do século XIX e meados do século XX – Cidade do Natal -RN

No final do século XIX e início do século XX, a cidade do Natal no Rio Grande do Norte (RN) apresentava uma organização que ainda lembrava o período colonial. No entanto vigorava uma sociedade patriarcal em que o pai-de-família regia com autoridade toda a vida familiar. Os costumes das pessoas foram moldados, e com o passar dos anos, Natal possuía um ar de cidade de interior, era aparentemente calma, as pessoas possuíam o costume de no final da tarde sentar nas calçadas para conversar.

Conforme definiu Mendonça<sup>6</sup>, era assim Natal naquele período, simples na vida diária nas concepções e nas idéias nascidas de uma sociedade de cunho patriarcal. Tratava-se de uma cidade romântica, pré-parnasiana, trescalando *patchouli*.

Nesse período, as notícias chegavam, em grande parte, através da conversa informal, mas a vanguarda intelectual desde o século XIX foi aos poucos aderindo à informação escrita editada pelos jornais. A introdução do jornalismo ocorreu de forma a saciar interesses de particulares, pessoas como Pedro Velho de Albuquerque Maranhão que utilizava-se do jornal para expor seus interesses políticos.

---

<sup>6</sup> MENDONÇA, Alvarar Furtado de. José da Penha: um romântico da república. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 1970, 40p.

De certo modo Natal se mantém com este aspecto pacato devido à demora na introdução das agitações dos bailes, comuns em outros estados desde o início do século XIX. Segundo Cascudo<sup>7</sup>, os bailes só chegaram na cidade a partir de 1850, não obstante, até o ano de 1887 a capital do Rio Grande do Norte adotava o toque de recolher, que se iniciava a partir das nove horas da noite, sendo proibido a circulação de qualquer pessoa por qualquer parte da cidade.

Nota-se assim, que a população parecia estar adaptada a um isolamento, fechada em si própria com hábitos provinciais enraizados. Na República a cidade vivência poucas ou quase nenhuma transformação nos hábitos sociais, ocorrendo mudanças lentas e muito discretas, e conforme testemunhou Cascudo:

De 1900 em diante a vida vai mudando. Mudando tão devagar que o século XIX ficou nos hábitos até depois de 1922. Os movimentos são concêntricos, centrípetos, atraídos pela irresistível doçura de um ambiente que se tornara casa de família, com cadeiras na calçada, para todos.<sup>8</sup>

Com este movimento áureo dos jornais a cidade ganhou um impulso educacional, contudo a educação sempre enfrentou entraves no nosso estado.

---

<sup>7</sup> CASCUDO. Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, 496p.

<sup>8</sup> Ibid. p. 400.

Desde o período colonial tem-se notícia da preocupação com as letras em nossa cidade, conforme relata Cascudo<sup>9</sup> no século XVIII já se tinha notícia que os Senadores da Câmara mandaram pedir a D. João V através de uma carta em 26 de Janeiro de 1728 para que viessem algum Jesuíta para ensinar gramática aos filhos dos moradores que quisessem seguir a carreira religiosa.

## 2.2 Prólogo educacional

No período republicano vai ocorrer uma série de decretos destinados a desenvolver a educação na capital e no estado, no ano de 1890 nasce a Escola Normal graças ao decreto nº 13 de 08/02/1890<sup>10</sup>.

Com a República o padrão educacional em Natal começava a se organizar, devido à importância da imprensa nas agitações políticas do período, tornava-se imprescindível ao cidadão o entendimento das letras para poder acompanhar melhor as disputas entre os diversos grupos políticos.

O ensino no Rio Grande do Norte no período parece bastante conturbado, tendo em vista as várias dificuldades enfrentadas para mantê-lo regularmente. Os professores eram vistos como uma classe desprezada e mal remunerada, e conforme lembra Lauro Pinto:

---

<sup>9</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999. p.193

<sup>10</sup> STAMATTO, Maria Inês Sucupira. A Educação no Rio Grande do Norte: Fontes Oficiais. Natal: EDUFERN, 1997, v.1, 246p.

Por falar em professor - lembrei - me de como é infeliz a classe de professores entre nós, isto é, os abandonados, maltratados e pobres mestres do nosso estado<sup>11</sup>.

O profissional da educação na Primeira República era mal colocado na sociedade, mesmo cabendo a ele a formação intelectual e cultural das pessoas. Entretanto, a criação de muitas escolas em todo o estado no período, demonstra o esforço republicano em diminuir o analfabetismo vigente. Nesse período o Ateneu Norte-Rio-Grandense, em atuação desde 3 de fevereiro de 1834, passou a servir de modelo às demais instituições de ensino no estado.

A educação em Natal foi baseada particularmente na história do Ateneu, principal instituição, responsável pelo ensino público secundário durante o governo Tavares de Lyra do ano de 1905. Nele o aluno era obrigado a estudar 4 anos para concluir sua formação.

A pobreza do município também prejudicava o desenvolvimento educacional em Natal. Mesmo assim, isto não impediu que outras instituições educacionais fossem criadas. Igrejas passaram a atuar na educação voltada para a valorização da família e dos princípios cristãos. O primeiro colégio ligado a uma entidade religiosa foi o Colégio Americano, fundado no ano de 1896 pelo pastor protestante William Porter, era um colégio ligado à religião protestante e por isso mesmo causou a reação da Igreja Católica, através da ação do bispo Dom Adauto de fundar dois colégios católicos: o primeiro, em 1902, o Colégio Imaculada Conceição que foi entregue aos cuidados das

---

<sup>11</sup> PINTO, Lauro. Natal Que Eu Vi. Natal – RN: Imprensa Universitária. 1971, 91p.



irmãs Dorotéias; e o outro em 1903, o Colégio Diocesano Santo Antonio que ficou sobre a responsabilidade dos irmãos Maristas, conforme especifica Souza<sup>12</sup>.

A agitação escolar católica versus a protestante fez com que também nascesse a imprensa religiosa, em que cada jornal defendia sua doutrina. Deste modo, essa imprensa fez surgir vários atritos entre essas duas Igrejas, que será objeto de estudo no próximo capítulo.

A classe de leitores se formava, pois os cuidados com a educação eram latentes, não só pelas ações dos governadores do período republicano, mas pela proliferação de vários meios de comunicação: os livros, revistas e jornais vão aos poucos entrando no cotidiano das pessoas e se inserindo na vida diária da população<sup>13</sup>

### 2.3 Formas e lugares de se ler

Segundo Chartier<sup>14</sup>, toda a cultura ocidental pode ser considerada como a "cultura do impresso", arrastando, inclusive, aqueles sem acesso à leitura, seja através da onipresença de material impresso, (livros de múltiplos formatos, éditos e cartazes); seja através das inúmeras formas de mediação que colocavam essas pessoas em contato com a cultura impressa. As diferentes formas de leitura (direta, através de

---

<sup>12</sup> SOUZA, Itamar de. Fascículo do Diário de Natal. Projeto Ler, nº 3. 8 de junho de 1999, Natal RN.

<sup>13</sup> As melhorias para a educação foram uma série de decretos oficiais expedidos pelos governadores, e estão todos catalogados em dois volumes de livros organizados pela professora Inês Stamatto.

<sup>14</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações, Lisboa: Difel, 1990.

terceiros, etc) pelas quais um determinado texto era lido pelo público, implicava, por seu turno, em uma variedade de modos de apropriação pela leitura.

No período republicano inicia-se um maior cuidado com a educação, formas diferentes de se ler e perceber às notícias foram surgindo, os leitores buscavam o que melhor lhes convinham, as notícias atingiam todas as classes sociais. O jornal passou a ser formador de opinião, influenciando, com suas matérias, os modos de se ver a realidade segundo os padrões do partidarismo político.

A leitura foi tornando-se um hábito diário da população, possibilitando as pessoas um contato direto com as notícias, desta forma a comunicação teve um grande avanço durante o período republicano, noticiando as agitações locais. O trato com a linguagem escrita levou a uma interação maior da população, e conforme afirmou Poiares<sup>15</sup> a linguagem nos faz participantes comuns de conhecimento e nos coloca em relação com os outros homens.

As notícias foram difundidas de diversas maneiras e cada pessoa teve seu próprio modo de interpretá-las. Além da imprensa, outros meios foram importantes na formação da opinião pública natalense. Alguns desses meios foram às conferências que eram reuniões periódicas em que uma pessoa explanava sobre determinado assunto. Conforme assinalou Vicente Serejo as conferências desempenharam um papel fundamental na divulgação cultural, durante as primeiras décadas da República:

Nas primeiras décadas deste século, as conferências foram importantes veículos de divulgação cultural, ao lado das polêmicas nas páginas dos

---

<sup>15</sup> POIARES, Valter Ramos. Comunicação Social e Relações Públicas. 2 ed Rio de Janeiro: Agir, 1974, 332p.

jornais, algumas delas citadas até hoje pela crítica mais bem informada e mais cuidadosa com a gênese do nosso pensamento literário.<sup>16</sup>

Tivemos em nossa cidade grandes conferencistas, contudo citaremos somente três destes ilustres personagens do período republicano. Eloy de Souza, que inaugurou uma série de conferências no Palácio do Governo no dia 20 de fevereiro de 1909, que versou sua palestra sobre “Os Costumes Locais”, outro grande conferencista foi o senhor Manoel Dantas que no mesmo local, e no mesmo ano explanou sobre o tema futurista “Natal Daqui a Cinquenta Anos”, e do jornalista pernambucano Sinfrônio Magalhães, que falou sobre “O Jornalismo do Século XX”.

As conferências foram também maneiras de se interpretar as notícias, à medida que estes e outros homens letrados proferiam suas palestras estavam expondo seus pontos de vista como também abrindo o interesse da população para a discussão de assuntos correntes, ou seja, através das conferências a população ficava familiarizada com uma série de assuntos responsáveis por elevar o seu nível intelectual. Assim explica Serejo:

Além de documentarem a mentalidade cultural de uma época, as conferências funcionaram como dínamos geradores das forças fundadoras do hábito da discussão, da ilação mental e das teorizações.

17

---

<sup>16</sup> SOUZA, Eloy de. Costumes Locais. Natal: Sebo Vermelho e Verbo. 1999, 60p.

<sup>17</sup> Ibid., p. 3.

O interesse pelas notícias especificamente pelo jornalismo cresceu no período, pois os jornais eram os grandes difusores das notícias tanto de cunho local quanto nacional. Conforme Mendonça<sup>18</sup>, esse interesse pelo jornalismo, mantido mais pela política local e menos pelo empenho de informar a uma cidade distante dos acontecimentos do mundo. As conferências foram às formas pelas quais a população debatia notícias e podia assim ter também uma opinião do palestrante sobre o assunto versado, esta forma de lê-las foi por um longo período moda na sociedade natalense, pois os jornais eram um pouco caros e menos acessíveis a população de baixa renda.

#### 2.4 Preço e poder de compra



As classes sociais eram bem identificadas pelas formas de se vestir, era fácil de se perceber se alguém pertencia às classes baixa, média, e alta, pois desde o século XVIII a vestimenta classificava as pessoas, deste modo pessoas com maiores condições financeiras se vestiam melhor. Cascudo<sup>19</sup> relata bem essa situação, descrevendo as roupas dos homens e das mulheres. Isso ficava bem evidenciado também pelas notícias vinculadas nos jornais de moda estrangeira principalmente com informes de Paris. Segundo Furtado havia amor às artes clássicas, um gosto um tanto

<sup>18</sup> MENDONÇA, Alvarado Furtado de. José da Penha: um romântico da república. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 1970, p. 19.

<sup>19</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, p.88 e 89.

*snob* pelas coisas do espírito, ócios de uma aristocracia embalada pelas coisas de Paris.

O poder de compra das pessoas era relativo, pois se diferenciava de acordo com a classe social a qual o indivíduo pertencia. A burguesia possuía suas organizações para melhor poder se desenvolver, obtendo muitas vezes apoio do próprio governo, e a classe média por sua vez para não ficar em desvantagem também procurou se organizar, contudo segundo Itamar de Souza durante a Primeira República a classe média norte – rio – grandense era muito reduzida e politicamente inexpressiva. Essa era composta por um pequeno número de profissionais liberais, por funcionalismo civil e militar, por pequenos e médios comerciantes, e por outros setores de menor expressão.

Entre 1919 e 1930, a classe trabalhadora se organizou em Centros Operários, organizações que reuniam a camada da população operária na república, para melhor poder reivindicar seus direitos, por sua vez esses Centros usavam a imprensa, para divulgar, principalmente a doutrina socialista, influenciados pela Revolução Russa de 1917.

A quantidade de dinheiro que circulava entre o operariado norte – rio – grandense causava insatisfação social. Conforme, Itamar de Souza, no período da Primeira República ocorreram debates que colocaram em questão a organização capitalista, propondo soluções socialistas, inclusive um desses debates foi noticiado em 1893 pelo jornal "Rio Grande do Norte", que tinha como redatores os Drs. A. de Amorim Garcia e Amintas Barros, e o Sr. José Gervásio. Este jornal fazia oposição à oligarquia Maranhão e aos seus correligionários. A publicação dizia assim:

Por toda parte com a carestia crescente de vida, o salário do operário tem aumentado numa proporção equivalente. Só aqui em Natal, os que concorrem com esforço de seus braços para engrossar os capitais dos monopolizadores não tiveram ainda essa compensação... Impiedosamente ínfimo, evangelicamente descaridoso e mesquinho o pagamento que ao operário faz-se na fábrica de tecidos, nesta capital. Segundo nos informam os mais esforçados dos operários daquele estabelecimento, trabalhando das 6:30h da manhã às 9h da noite, com intervalos de apenas duas horas para as refeições à sua custa, ganham no Máximo 8\$000 por semana; os menos laboriosos, 4\$000. Isto é 170 reis por tecido de cada peça. Ora, nessa época em que o quilo de carne verde está a 600 reis; o litro de feijão a 200; o de farinha a 100; o café a 1\$400 o quilo; o açúcar, a fazenda, o aluguel de casa por preços exagerados, é precário demais um mil reis para o indivíduo alimentar-se e vestir-se....

Vê-se, pois, que enquanto um pobre operário ganha numa semana, trabalhando 12 horas por dia, 8\$000, o Sr. Jovino Barreto ganha líquido e livre de todas as despesas 122\$151 reis. ...

Calcula-se agora esse lucro por semana sobre 100 ou 200 operários e admiremos que fabulosos lucros por semana arrancados sobre o trabalho do operário, que tem uma paga miserável, como remuneração ínfima de suas energias despendidas....

Agremiem-se os operários, deleguem poderes a uma comissão para defender seus interesses, acautelarem seus direitos perante os que se utilizam de seus serviços, e conseguirão uma remuneração justa, proporcional a seu trabalho.<sup>16</sup>

Deduz-se da exegese do artigo publicado, que a vida cotidiana era árdua, a sobrevivência era difícil, os jornais sempre noticiavam esses disparates diários. E seguindo essa mesma linha de raciocínio é possível imaginar que o operário muitas vezes não possuía condições de ter um jornal em casa, visto não ser o jornal um artigo de extrema necessidade. "A República" por exemplo, segundo Luis Fernandes (1998) no ano de 1889 custava anualmente 5\$00 reis por ano, em 1897 passou para 12\$00 a anuidade, em 1900 sofre mais uma vez alteração de preço passando a custar 15\$00 por ano e 1\$500 por edição; já o jornal "O Diário do Natal custava por trimestre 1\$500" no mesmo ano de 1900. Observando o salário de um operário da para se perceber que realmente os jornais estavam fora da sua realidade.

<sup>16</sup> SOUZA, Itamar de. A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 – 1930). Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília – DF, 1989, 270p. Edição comemorativa do primeiro centenário da proclamação da República do Brasil.

### 3 A IDEALIZAÇÃO DOS JORNAIS

#### 3.1 Os jornais e a propaganda política

No ano de 1832, a imprensa norte-rio-grandense surge, com a instalação da primeira tipografia, comprada por José Fernandes Carrilho e Urbana Égide da Silva Costa de Albuquerque Gondim, os dois empresários fundaram uma sociedade anônima, através da aquisição, no Recife de uma máquina de tipografia e a contratação de um tipógrafo. Assim Natal iniciava sua produção jornalística, com o jornal "O Natalense", que tem o seu primeiro número publicado em 2 de setembro de 1832.<sup>17</sup>

Era comum que a imprensa nesse período cobrisse, as eleições dos candidatos a vários cargos (desde a Prefeitura ao Senado Federal), mas essa imprensa era sazonal e do mesmo jeito que surgiam nas campanhas, desapareciam após as eleições. Este aspecto revela a natureza dos jornais que estavam voltados única e exclusivamente para a política, não possuíam assim nenhum caráter informativo, com notícias de variedades como é comum nos jornais de hoje.

Durante o Período Imperial existia a disputa entre o Partido Liberal e o Partido Conservador e, essas entidades políticas foram às primeiras que utilizaram a imprensa para divulgar seus interesses partidários. O conflito político no fim do período imperial era tão intenso que fez com que surgissem inúmeros jornais que defendiam as

---

<sup>17</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, p. 320.

ideologias dos dois partidos existentes. Estas disputas continuaram pela Primeira República, e estiveram presentes no Rio Grande do Norte.

Segundo Cascudo, as primeiras décadas do Período Republicano melancolizaram a passagem política, gerando uma monotonia, pois era certa a vitória do governo. Essa monotonia teria, ainda segundo Cascudo tornado os jornais mais analistas que divulgadores de uma doutrina política.

Após a instalação do regime republicano no Brasil, nasceram as oligarquias estaduais. No Rio Grande do Norte, essa oligarquia teve a frente à liderança de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, líder republicano, que em 1º de julho de 1889 fundou o jornal “A República”. A imprensa passava a ter importância fundamental para a divulgação das idéias políticas, em Natal.

Com o objetivo de se manter no poder, a oligarquia Albuquerque Maranhão combatia ferozmente os jornais de oposição. Na sociedade potiguar daquele período, não havia emissora de rádio e nem de televisão. Por isso, diz Itamar de Souza (1989)<sup>18</sup> que a imprensa escrita, particularmente o jornal, era o único veículo de divulgação para atingir o grande público. Naquela época o jornalismo ainda não era profissional, sendo os jornais mantidos pelos grupos políticos.

Durante a Primeira República ocorreram fatos de extrema violência contra os jornais: tipografias foram incendiadas, jornalistas foram ameaçados, alguns surrados e presos, outros foram também processados por fazerem oposição ao governo. As idéias políticas eram bastante divulgadas através dos jornais, e muitas vezes vinham sem

---

<sup>18</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, p. 320.



pudores de palavras. Conforme assinalava Itamar de Souza<sup>19</sup>, a linguagem era bastante pesada, sem máscara, quando se tratava de atacar e destruir o adversário, porém, bastante suave e elogiosa para promover os correligionários.

Nos primeiros anos da República eram poucos os jornais de oposição em Natal e a maioria deles estava em mãos de grupos políticos. A família Albuquerque Maranhão possuía seu próprio jornal, que era utilizado para divulgar suas idéias e realizar ataques políticos aos seus adversários, por exemplo. Segundo Manoel Rodrigues de Melo (1987) eram poucos os jornais de oposição dentre eles encontramos: "O Nortista", que circulava em São José de Mipibu, contudo a partir do dia 7 de setembro de 1893 passa a ser editado em Natal com o nome de "Diário do Natal"; "Folha Matutina" de propriedade do centro de Imprensa Católica, fundado por Elias Souto; "Gazeta da Tarde", órgão Pró - Leônidas Hermes, o primeiro número deste jornal circulou no dia 1º de julho de 1913; e "Folha do Sertão", quinzenário independente, industrial, comercial e noticioso. Os jornais situacionistas eram, "A República", fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, e o "Jornal da Manhã", fundado por Moisés Soares, Carlos Policarpo e outros<sup>20</sup>

Neste período, a população começou a dar muita atenção a imprensa, e aos poucos o jornal foi ganhando espaço no cotidiano da população de maior poder aquisitivo e conhecimento intelectual, contudo as notícias divulgadas tinham inicialmente um caráter mais político do que informativo. Assim informa Alvamar

---

<sup>19</sup> SOUZA, Itamar de. A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 – 1930). Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília – DF, 1989, p. 172.

<sup>20</sup> MELO, Manoel Rodrigues de. Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte: 1907 – 1987. São Paulo: Cortez Editora, Natal – RN: Fundação José Augusto, 1987, 263p.

Furtado<sup>21</sup> que o interesse pelo jornalismo, era mantido mais pela política local e menos pelo empenho de informar a uma cidade distante dos acontecimentos do mundo.

Foi o "Diário do Natal", e não o jornal "A República", que inaugurou a imprensa cotidiana, pois o mesmo circulava diariamente a partir do dia 7 de setembro de 1893. Segundo Itamar de Souza, Elias Souto inaugurou a imprensa diária no Rio Grande do Norte.<sup>22</sup> Foi também ele, segundo Câmara Cascudo<sup>23</sup>, o primeiro e único jornalista profissional no Rio Grande do Norte no período. A posição de Elias Souto contrastava com o grosso da imprensa política local, que se definia como uma forma de propaganda partidária, visto que não se tinha nenhum interesse em se discutir sobre política, mas sim em se defender o pensamento do seu grupo político.

Como foi dito anteriormente, durante a Primeira República a imprensa se mantém praticamente ligada à política local, fazendo com que as notícias publicadas só tivessem conteúdo político, discursos, ataques a adversários, exaltação a figuras populares, etc. O caráter propagandístico da imprensa se tornava mais visível quando se aproximavam as campanhas eleitorais. Nesses períodos eram comuns que as publicações fossem movidas por opiniões jornalístico-partidárias, um bom exemplo deste procedimento ocorreu nas eleições de 1903 para o Senado e a Câmara Federal. Itamar de Souza relata o incidente que ficou conhecido como "O caso do molecote", o incidente teve início com os insultos feitos por Eloy de Souza, que era candidato situacionista à cadeira de Deputado Federal pelo Partido Republicano Federal, a chapa adversária dizendo que ela não teria chance eleitoral contra a dele. A oposição reagiu

---

<sup>21</sup> MENDONÇA, Alvamar Furtado de. José da Penha: um romântico da república. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 1970, p. 19.

<sup>22</sup> SOUZA, Itamar de. A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 – 1930). Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília – DF, 1989, p. 177.

<sup>23</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, p. 334 e 335.

através da publicação de um artigo no "Diário do Natal" contra o candidato governista. No artigo Erico Souto foi bastante duro e usou termos bem pesados chamando Eloy de Souza de "bagageiro" do Senador da República Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Essa ofensa não ficaria impune, ao contrário, o jornalista Erico Souto foi processado, julgado e condenado pelo Tribunal de Justiça do Estado a 4 meses de reclusão carcerária em regime fechado e a pagar uma multa de 450\$000 contos reis, sob a justificativa de ter infringido dispositivos do Código Penal. Contudo o jornalista recorreu e conseguiu se livrar da pena.

É importante observar através do fato ocorrido a maneira conflituosa do jornalismo nesse período, as notícias divulgadas muitas vezes sofriam interferência judicial direta.

A oligarquia Albuquerque Maranhão governou o estado do Rio Grande do Norte até 1918 e graças à derrota sofrida no caso do "molecote" iniciou-se assim uma perseguição mais intensa à imprensa oposicionista local, através de vários atentados à liberdade de imprensa. Tornaram-se comuns a apreensão e a proibição da circulação dos exemplares de jornais, e de periódicos que falassem mal do governo, mesmo que em sua maioria, esses jornais tivessem pouca expressão e fossem de menor porte.

Durante o governo Tavares de Lira (1904 - 1906), os jornais "O Diário de Natal" e "Gazeta do Comércio", foram perseguidos, pois os mesmos possuíam um amplo público de leitores e eram os maiores veículos de oposição ao governo. Conforme escreve Itamar de Souza<sup>24</sup>, apesar das ameaças, a imprensa oposicionista continuava fustigando acremente os atos do governo.

---

24 SOUZA, Itamar de. A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 - 1930). Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília - DF, 1989, p.181.

A reação do governo aos ataques da imprensa oposicionista veio com a autorização da destruição das tipografias desses dois jornais, fato que ocorreu na madrugada, e nunca foi assumido pelo governo. Com atos como esse de extrema violência praticado pelo governo, a oligarquia mostrava sua força e intolerância aos protestos contra ela. Assim, depois do incidente com o "Diário do Natal" e com a "Gazeta do Comércio" as outras tipografias da cidade ficaram assustadas e se negaram a imprimir quaisquer página para os jornais. A solução encontrada por Elias Souto, dono do "Diário do Natal", e Pedro Avelino e Augusto Leite, donos da "Gazeta do Comércio", para apresentar sua versão sobre o ocorrido foi procurar uma tipografia em João Pessoa, na Paraíba, para que fosse imprimindo um manifesto que continha o seguinte conteúdo:

Hoje por volta das 3 horas da manhã, as tipografias do Diário de Natal e Gazeta do Comércio assaltadas quase simultaneamente por numerosos grupos de soldados do corpo de polícia, armados de picaretas, machados, cacetes e capitaneados por oficiais do mesmo – foram completamente destruídos.

Na Gazeta do Comércio deu-se o assalto no momento em que se imprimia o jornal, havendo resistência e luta, da qual saíram gravemente esbordado um tipógrafo, e feridos segundo consta, o Capitão Miguel Seabra, fiscal do corpo de polícia, e dois soldados. Costa igualmente, à hora em que escrevemos (2 da tarde) que um dos soldados feridos faleceu, o que não se pode verificar, porque a polícia reveste o fato do maior sigilo para escapar à responsabilidade da autoria.

No Diário do Natal, devido à circunstância da hora do ataque, já terem concluído o trabalho de impressão e se haverem retirado os empregados não houve conflito, e, assim, puderam os assaltante consumar a sua obra à vontade.

A destruição das duas tipografias foi completa...

A causa determinante do vandalismo é serem, os dis jornais destruídos, órgãos declarados do partido oposicionista que acaba de organizar-se sob os auspícios da grande maioria dos norte-rio-grandeses, cansados do jugo de ferro da política nefasta que infelicitava e desonra o estado.

A destruição das tipografias tem produzido um sentimento unânime de indignação na sociedade natalense. Responsabilizamos por esse monstruoso e vandálico atentado à liberdade de imprensa e ao direito de

propriedade ao Senador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e ao governador do estado, seu genro, Dr. Augusto Tavares de Lira. A cidade acha-se alarmada e a sua população sob regime de terror. Sem garantias, e não tendo no estado para onde apelar, prevenimos aos nossos leitores amigos e correligionários que só com intervalos lhes podemos oferecer notícias impressas.  
 Natal, 19 de fevereiro de 1905.  
 Pelo Diário do Natal - Elias Souto  
 Pela Gazeta do Comércio - Pedro Avelino e Augusto Leite<sup>25</sup>.

A violência repressiva do governo, especificamente da oligarquia Albuquerque Maranhão era notória, como se pode observar no relato anterior, contudo houve momentos de calma em que o estado e a imprensa oposicionista local se entenderam. Não obstante, uma parte da imprensa continuava divulgando em suas páginas relatos que eram vistos com maus olhos pelos governantes, como este publicado em 1913:

Foi num Natal assim, nos começos de 1913, que o Diário de Natal publicou um sulto comentando os principais acontecimentos do ano de 1912. Começava com a Guerra dos Balcãs para concluir com os episódios da política brasileira, exaltando a luta de Dantes Barreto, em Pernambuco, contra Rosa e Silva, ao que chamava de grito de liberdade, que ecoava por todo o Norte, contra a "horda pérfida do Aciolos, no Ceará, a malta dos Euclides de Alagoas". E encerrava desafiadoramente: "De todas as oligarquias que medraram em nossa querida pátria resta ainda a que infecta o Rio Grande do Norte - oligarquia mãe e, por isto mesmo a mais odiada pelas muitas façanhas que tem praticado"<sup>26</sup>

Os relatos vinham com um certo atraso em nossa cidade, fato comum à época, pois diferentemente dos dias atuais em que as notícias são publicadas quase que em

<sup>25</sup> SOUZA, Itamar de. A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 - 1930). Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília - DF, 1989, p. 181 e 182.

<sup>26</sup> MENDONÇA, Alvarado Furtado de. José da Penha: um romântico da república. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 1970, p. 19.

tempo real e até futuro, a imprensa da Primeira República possuía como característica a publicação de notícias antigas, e a escolha das notícias ficava a cargo das redações. Sendo notório também que mesmo publicando notícias sobre outros estados a imprensa oposicionista potiguar, sempre arrumava um modo de por uma notinha que fosse contra os poderosos da cidade.

A cidade do Natal crescia a cada dia, e com os domínios dos jornais, os políticos poderiam fomentar no pensamento popular seus ideais, e foi isso o que basicamente aconteceu na Primeira República. De acordo com Poiares<sup>27</sup>, o jornal será o que for a sua comunidade, podendo conduzi-la, mas não pode distanciar-se dela.

Não havia aquilo que se poderia definir como uma imprensa livre no Período Republicano, ao contrário, os jornais estavam amarrados politicamente ferindo a livre iniciativa de pensamento, pois a imprensa livre do jogo político era veemente combatida e perseguida. Casos inúmeros foram relatados pelos jornais do período, sendo comum que a "verdade" fosse construída e não relatada de maneira fiel.



---

<sup>27</sup> POIARES, Valter Ramos. Comunicação Social e Relações Públicas. 2 ed Rio de Janeiro: Agir, 1974, p. 112 e 113.

### 3.2 Os jornais e a propaganda religiosa

Durante a Primeira República, os católicos e os protestantes tomaram a imprensa como veículo fundamental de difusão de suas doutrinas religiosas. Neste período foram criados alguns jornais com a finalidade de defender os respectivos pensamentos, voltados sempre para seus públicos específicos. A imprensa católica fazia combate a tudo que pudesse contestar seus dogmas, sobretudo, ao protestantismo que aqui existia.

Em 1890, nasce o jornal "A Pátria", órgão do Partido Católico, que se apresentou como defensor do bem e da fé católica e afirmando não ter pactos nem alianças, promessas ou compromissos ocultos. No seu primeiro número ficava expressa sua pretensão: "Aspiramos um nobre fim: a vitória da liberdade; pregamos em nome de Deus e da consciência pelo respeito à crença nacional, contra o domínio e implantação do ateísmo no lar doméstico e nas instituições públicas". Mas infelizmente, apesar das aspirações tão prometidas o jornal viveu apenas dois meses e dias, desaparecendo com o seu terceiro número, em doze de novembro do mesmo ano.

Outro órgão de imprensa católica foi a revista católica "Oito de Setembro" que circulou em Natal de 1897 a 1907, segundo Fernandes<sup>28</sup>, era um periódico religioso e popular subordinado a direção do pároco desta freguesia, padre João Maria Cavalcante

---

<sup>28</sup> FERNANDES. A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908. Natal – RN: Sebo Vermelho e Fundação José Augusto, 1998, p. 110.

Brito, era bem redigido e o primeiro órgão que surgiu neste Estado como porta voz da religião católica.

Por sua vez os protestantes também se inseriram à imprensa e o primeiro órgão evangélico foi "O Pastor" publicado em 1893, um outro jornal que começou sua publicação como órgão da Associação Evangélica foi o jornal "O Século", que circulou em Natal de 1895 a 1909. Desde o seu número seguinte o jornal adotou por lema as palavras de São Marcos 16,15 – "Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura". Era publicado três vezes por mês, mas com o passar do tempo foi sofrendo modificações no seu formato, no dia 28 de agosto do mesmo ano mudou para "Órgão Evangélico no Norte do Brasil, e em 1903 mudou novamente o subtítulo para "Órgão Evangélico Presbiteriano".

Podemos notar que a imprensa religiosa travava uma guerra impressa, cada religião tinha o intuito de promover-se, mas também a missão de conquistar adeptos aos seus ensinamentos. Foi de extrema importância à imprensa religiosa nesse período, pois como o jornalismo político, os católicos e os evangélicos se digladiavam tal qual os partidos, demonstrando a semelhança do mundano com o religioso.



### 3.3 As mulheres e os jornais e revistas feministas

No Brasil, a participação da mulher no jornalismo foi bastante difícil, as pesquisas sobre a imprensa feminina são muito escassas, a professora Otêmia Porpino relatou bem essa perspectiva:

A necessidade de estudar a participação da mulher no jornalismo ainda persiste, pelo menos no Brasil, onde os trabalhos publicados sobre este tema são poucos, em relação à quantidade de mulheres que participam da imprensa e do jornalismo em geral, desde o século passado até agora, exercendo as mais diversas funções, de simples colaboradoras até editoras de seus próprios informativos.<sup>29</sup>

Ao pesquisar sobre a imprensa feminina em Natal nos deparamos com uma escassez de fontes, e registros sobre sua produção literária, contudo a imprensa feminina teve sua participação na produção jornalística. Segundo Otêmia Porpino<sup>30</sup> as mulheres quase não aparecem na escrita historiográfica e especialmente na história do jornalismo, deixando a impressão de que elas não participavam dos grandes nem dos pequenos acontecimentos da humanidade, o que não representa uma verdade, pois temos a convicção de que as mulheres estiveram presentes nesses acontecimentos históricos, ora como espectadores, ora como militantes, exercendo as mais diversas atividades sociais comunitárias e cumprindo as funções que lhes foram confiadas.

A imprensa feminista foi muito importante no período da Primeira República, podemos afirmar que essa imprensa surge no Brasil na segunda metade do século XIX

---

<sup>29</sup> GOMES, Otêmia Porpino. *Imprensa Feminina: O Jornal A Esperança (1903 – 1909)*. Natal – RN, 1999, Mestrado em Comunicação Social (UFRN). 122p.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 19.

e a primeira do século XX, ela se difundiu em meio a mudanças não só político-econômicas, mas principalmente sociais, através da alteração na posição homem-mulher.

Fundamentada numa sociedade patriarcal em que o pai-de-família, era a figura que exercia o poder, foi difícil para as mulheres natalenses conseguirem espaço na sociedade, pois essas eram vistas como sexo frágil e dependente. Durante a Primeira República, a mulher tinha um lugar à margem da sociedade.

Conforme comentou Eloy de Souza numa conferência realizada em 1909:

Era um desprimor uma moça saber ler e escrever, bastando-lhe, como prendas para bem maridar-se, manejar algumas dúzias de bilros, conhecer a doutrina cristã, costurar roupas caseira e ter dote.<sup>31</sup>

Por muito tempo as mulheres foram criadas para serem boas esposas e mães, que só deveria preocupar-se com as coisas domésticas, contudo com o passar do tempo à mulher foi procurando seu lugar na sociedade se auto-afirmando e conseguindo expor seus pensamentos, expostos em jornais, que foram à primeira forma de vencer a barreira machista. A imprensa vai cada dia moldando o período republicano registrando as mudanças de pensamento que ocorriam.

Os primeiros jornais de Natal que foram dedicados ao público feminino foram: "O Íris", periódico bimensal e dedicado ao público feminino, tinha como lema uma frase de Madame de Stall: "o gênio não tem sexo", esse jornal circulou do ano de 1875 a 1876 e foi fundado por Joaquim Fernandes, outro jornal voltado para o público feminino foi "O

---

<sup>31</sup> SOUZA, Eloy de. Costumes Locais. Natal: Sebo Vermelho e Verbo. 1999, p. 11 e 12.

Sorriso" que era literário dedicado ao "belo sexo", tinha como dirigente Joaquim Cândido Pereira circulou no ano de 1886<sup>32</sup>.

A produção jornalística feminina no Rio Grande do Norte no período republicano foi bem documentada pelo professor Manoel Rodrigues de Melo<sup>33</sup>, no seu livro "Dicionário De Imprensa no Rio Grande do Norte: 1907 – 1987". Segundo ele, alguns dos periódicos produzidos por mulheres ou para o público feminino, eram de cunho educacional como "O Alfabeto" (1917 – 1918), pertencente à Associação Literária Palmerio Filho, de Assu feito por alunas do colégio Tenente Correia; A "Escola Domestica" (1925-1930), que era uma revista produzida pela própria escola dirigida primeiramente por Jacyra Barbalho e depois por Maria Leonor Rocha; "O Lar" (1928-1930), produzido pelo Grêmio Litero-Musical Auta de Souza e também pertencente às alunas da Escola Domestica de Natal, que tinha como responsável à professora Santa Guerra; "Folha Nova" (1913), publicada em Macau por uma sociedade anônima, que possuía no seu quadro de editores três mulheres: Alexandrina Chaves, Maria Emilia e Joana G.Sampaio; "Via-Láctea" (1914-1915), que era uma revista literária produzida em Natal por Palmira e Carolina Wanderley; o "Jornal das Moças" (1926-1932), produzido em Caicó, tinha como coordenadoras Georgina Pires e Dolores Diniz; o "Jornal Falado" (1926), que era apresentado por um grupo de intelectuais, composto por Ernestina Moura, Albertina Severo, Julita Costa, Neuza Cacho, Judilita Ramalho, Sabina Pinheiro, Dulce Costa e outros homens.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> MACEDO, Diva Maria Cunha Pereira de, DUARTE, Constância Lima. (org). Via Láctea de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914-1915. Natal, RN: Editora NAC, CCHLA/NEPAM, Sebo Vermelho, 2003, 123p.

<sup>33</sup> MELO, Manoel Rodrigues de. Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte: 1907 – 1987. São Paulp: Cortez Editora, Natal – RN: Fundação José Augusto, 1987, p.263.

<sup>34</sup> Essas informações também se encontram na tese de mestrado da professora Otêmia Porpino Gomes, com um maior rigor de detalhes, visto ser a imprensa feminina a sua área de pesquisa.

Era de se esperar que as mulheres quisessem expor seus pensamentos e não ficarem escondidas por traz dos homens. Foi muito difícil à imprensa feminina se firmar em Natal, vemos essa afirmação fortemente no período republicano. De acordo com Macedo<sup>35</sup>, o primeiro periódico de Natal parece ter sido mesmo a revista Via-Láctea, idealizada e dirigida por Palmyra e Carolina Wanderley, que circulou durante os anos de 1914 e 1915.

Graças às lutas incansáveis destas duas irmãs, percebe-se o nascimento da imprensa feminina em Natal, agora não era mais um jornal voltado para o público feminino, mas sim um jornal produzido editado por mulheres. A Via-Láctea vai ser o ponto de partida que faltava para encorajar as mulheres a reivindicar seu espaço na comunidade intelectual.

Alias a criatividade feminina foi muito mais além. Existiram também jornais manuscritos que circularam no Estado entre o final do século XIX e 1930, que são testemunho do quanto às mulheres desejavam se fazer ouvir, ultrapassar os limites estreitos de seu tempo e divulgar suas idéias.<sup>36</sup>

Por mais difícil que fosse as condições para se fazer um jornalismo feminino as mulheres não mediam esforços para produzir seus jornais, nem que fossem manuscritos. O que importava para elas era ganhar espaço de divulgação dos seus ideais. Apesar do confinamento pessoal, as mulheres começaram a expor, publicamente, o que pensavam e não o que a sociedade esperava que elas pensassem.

---

35 MACEDO, Diva Maria Cunha Pereira de, DUARTE, Constância Lima. (org). Via Láctea de Palmyra e Carolina Wanderley. Natal, 1914-1915. Natal, RN: Editora NAC, CCHLAVNEPAM, Sebo Vermelho, 2003, 123p.

<sup>36</sup> Ibid., p.13.

## 4 A MERCADORIZAÇÃO DOS JORNAIS

### 4.1 Crescimento econômico: Comércio e serviços da cidade do Natal

Até meados do século XIX, o gado era o principal produto comercial do Rio Grande do Norte, a cidade do Natal foi crescendo e evoluindo lentamente nas atividades comerciais, o início foi difícil pelo fato de não possuir nenhuma indústria. Cascudo<sup>37</sup> afirma que, Natal não tinha indústrias e seu porto valia de escoadouro legal, sempre preterido pela sonegação de outros pontos de embarque clandestino para Pernambuco, Natal sempre esteve ligada a Pernambuco desde o período colonial, daí se entender a demora da industrialização da cidade, pois já que dependia de Pernambuco para tudo, sempre foi mais difícil se desenvolver um comércio interno forte e bem firmado, essa dependência comercial era tão grande que se percebe claramente quando o jornal "A República" de 1897 e 1898 traziam a cotação dos produtos comerciais na cidade do Recife.

O comércio da cidade do Natal variou muito com o decorrer dos séculos, pois segundo Cascudo<sup>38</sup>, até o século XVIII quem tinha dinheiro possuía reservas alimentícias em casa. Os alimentos vinham dos sítios perto da cidade.

---

<sup>37</sup> CASCUDO. Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, p. 237.

<sup>38</sup> CASCUDO. Op. cit., p. 157

A evolução do comércio em Natal ocorreu de forma lenta, pois somente em 1839 através da pessoa de Joaquim Inácio Perreira, relata Cascudo<sup>39</sup>, que se teve iniciativa de se criar uma casa de mercado e açougue na cidade, entretanto a Câmara Municipal, obrigou que ele pagasse impostos, coisa que desagradou e desestimulou o comerciante a realizar o empreendimento. Só em 7 de junho de 1860, através da ação do presidente de província do Rio Grande do Norte, José de Brito Cunha Figueredo Junior, foi que se inaugurou o local onde deveria ser construído o primeiro mercado público de Natal, localizado na Cidade Alta, e que iria demorar 32 anos pra ser erguido. Os locais onde eram erguidos os mercados tendiam sempre a cair no descaso, mas segundo informações de Cascudo<sup>40</sup> os jornais locais da época faziam citações e davam palpites como deveriam ser feitos os mercados.

O Rio Grande do Norte sempre baseou sua economia na agricultura, daí o desenvolvimento das relações comerciais terem gerado uma burguesia agrocomercial, que moldou assim a vida cotidiana local de toda região. Em Natal a burguesia agrocomercial vai dar as cartas no período da Primeira República.

O comércio foi por muito tempo o ponto alto de um dos bairros mais antigos da cidade, o Bairro da Ribeira, que a principio tinha grande importância por ter uma proximidade com o porto onde as mercadorias eram despachadas. Segundo Lauro Pinto<sup>41</sup>, a Ribeira era o bairro da maioria dos homens ricos de Natal, do comércio mais

---

<sup>39</sup> CASCUDO. Luis da Câmara. História da cidade do Natal. Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, p. 159.

<sup>40</sup> CASCUDO. Op. cit., p.159. Câmara Cascudo não cita os jornais onde eram publicadas essas opiniões sobre os mercados, e também não encontrei em nenhum outro autor a menção sobre esse fato.

<sup>41</sup> PINTO, Lauro. Natal Que Eu Vi. Natal – RN: Imprensa Universitária. 1971, p. 25.

variado, das grandes lojas, casas comerciais e empresa, do comércio e artigos de luxo, dos bancos, das empresas de navegação, etc.

A Ribeira foi o bairro mais movimentado da cidade do Natal por muito tempo, lá também se localizavam os principais jornais, tais como "A Republica", o "Diário do Natal" e a "Gazeta do Comércio". Daí também os serviços da cidade terem melhor se desenvolvido por lá inicialmente. Na Ribeira se localizavam repartições, estabelecimentos comerciais, os melhores hotéis, cinema, alfaiatarias, enfim a vida intelectual e comercial da Primeira República girava entorno da Ribeira.

Em Natal, o governo vai se preocupar em ajudar a essa burguesia agroindustrial a se firmar para justamente desenvolver o Estado. Houve várias tentativas de arregimentar a burguesia agrária potiguar, uma dessas tentativas foi a de divulgar as idéias sobre técnicas agrícolas, para em conseqüência impulsionar os comerciantes. Assim diz Souza<sup>42</sup>, que a fim de divulgar novas idéias sobre técnicas agrícolas, a Sociedade Agrícola do Rio Grande do Norte publicou até 1907 um periódico chamado "O Lavrador", onde foi intensa a colaboração de vários intelectuais potiguares daquela época.

As ligas operárias se formam, nascendo assim uma forma de organização da classe média urbana, que objetivava uma melhor colocação social, onde cada trabalhador pudesse se defender da opressão dos patrões.

---

<sup>42</sup> SOUZA, Itamar de. A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 – 1930). Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília – DF, 1989, p.77.

## 4.2 A propaganda é a alma do negócio



Outros aspectos importantes que marcou a evolução do comércio potiguar foram os reclames, ou seja, as propagandas da época. A expansão do mercado e das relações mercantis, iniciada com a passagem do século XIX para o XX, foi o fator mais importante para se definir o novo papel da imprensa, apontando caminhos para uma nova relação entre produto e consumidor.

Pela propaganda, as empresas se “unem” aos jornais, ajudando-os a permanecerem em circulação, fazendo nascer um espaço privilegiado para o estabelecimento de novos métodos de venda e de uma nova linguagem comercial. Igualmente, ao determinar gostos, atribuindo determinados padrões de consumo, os anúncios instituem um extraordinário meio de informação para os seus leitores, que entravam em contato com o modelo de consumo aceito pelas sociedades ditas “evoluídas”.

Os anúncios atingiam um número grande de consumidores em potencial, isso gerava um tipo de relação social nova entre o comércio e a notícia. Quanto mais o jornal pudesse atingir as diversas camadas populares melhor para as vendas dos comerciantes locais. A propaganda nos jornais era utilizada para induzir o público ao consumo.

Em 1897, os jornais possuíam um caráter político e sua estrutura estava totalmente voltada para a política local, no jornal “A República” do ano de 1897, havia uma organização editorial em que estava ausente a propaganda, pois o seu conteúdo



estava voltado para um público específico, que eram os correligionários do Partido Republicano.

O espaço destinado à propaganda era muito pequeno não excedendo o canto da terceira página, tendo que ceder espaço para os Folhetins, que ocupavam o final das duas últimas páginas desse jornal, ficando marginalizadas as propagandas que durante esse ano eram poucas. Registram-se as propagandas da Drogaria e Pharmacia dos Pobres, pertencente a Ovídio Fernandes Cabral; as Capas de Borracha, propaganda posta por Urbano Reis e C<sup>a</sup>; e da Livraria Cosmopolita, pertencente a Fortunato Aranha; e da Grande Merceria, de propriedade de Machado Silva e C<sup>a</sup><sup>43</sup>.

Em 1898 não era diferente, contudo alguns profissionais liberais ofereciam seus serviços à população, foi o caso do advogado Dr. Alfredo Gomes de Almeida. Nesse ano, ocorreu um aumento no espaço para as propagandas, ou seja, a cada ano as "chamadas" aumentavam. Entre os anúncios estavam: o do Phosphoros de Segurança; o da loja O Progresso, que vendia fazendas (tecidos), calçados e chapéis; o da Alfaiataria M.M Lobato e C<sup>a</sup>; o da Eqüitativa, empresa de seguros, entre outros<sup>44</sup>

A partir de 1913 observa-se que a procura pelos jornais também se deu pelas informações adicionais, ou seja, propagandas e anúncios variados, essas atraíam a atenção da população ansiosa por novidade. Conforme Mendonça<sup>45</sup>, os jornais faziam colunas destinadas às narrativas de histórias para divertimento popular tais como: "As Aventuras de Rocambole", "Os Dramas de Paris", de Ponson de Terrail, publicadas em rodapé, no jornal "A República".

<sup>43</sup> A República de 5 de maio de 1897, nº 27.

<sup>44</sup> A República de 13 de abril de 1898, nº 77.

<sup>45</sup> MENDONÇA. Itamar de. A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 – 1930). Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília – DF, 1989, p.15.

O gosto popular estava ficando mais exigente, a estética passa a ter importância maior na produção gráfica, as informações não eram mais única e exclusiva da política, a propaganda chega e se institui, até anúncios de xarope feito pelo Arcebispo D. Cláudio José, de Porto Alegre, aconselhando através de alguns jornais a utilização do xarope Bromil como peitoral eficaz, começaram a ser freqüentes nas páginas da imprensa local<sup>46</sup>. O *marketing* jornalístico se iniciava, sendo importante observar que a utilização de uma figura popular ou religiosa na propagação de um produto iria possibilitar um bom retorno comercial. O uso dessa figura popular na propaganda pode ser interpretado como o início daquilo que o meio publicitário definiu como "garoto propaganda".

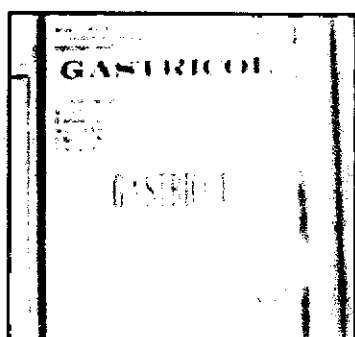
A partir de 1920, nota-se um maior interesse com a composição gráfica, os elaboradores das propagandas preocuparam-se em produzir maneiras para trazer a atenção dos leitores. Por isso, os jornais nesse período traziam duas páginas inteiras, em média, de propaganda. A parceria agora era necessária para poder manter os custos de impressão e manutenção dos jornais, pois muitos deles não mais pertenciam a partidos políticos. O Jornal "A República", demonstrou com clareza esse aspecto evolutivo das propagandas, com uma impressão melhor e com textos bem elaborados.

Com essas inovações os comerciantes começaram a investir muito mais nos anúncios dos seus produtos. No ano de 1925 os principais reclames nesse veículo informativo eram: o Gastricol, (ver fig.1) que prometia alívio total de problemas estomacais; o Iodogonol, que servia para a cura da blemorragia; os anúncios de filmes

---

<sup>46</sup> MENDONÇA, Alvarado Furtado de. José da Penha: um romântico da república. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 1970, p. 15.

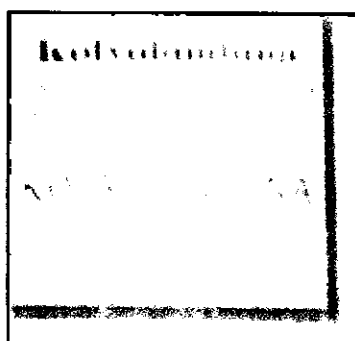
que iam ser exibidos na casa Ambrosio Film; os anúncios de vendas de casas e aluguel; a Emulsão de Scott (ver. fig.2), elixir pra o crescimento das crianças; a Eqüitativa, empresa de seguros; o tônico energético Kolyohimbina (ver fig.3); o xarope Incisivo, contra tosse e bronquite; a fábrica de móveis Casa Sion; e a Gesteira (ver fig.4), potente medicamento para cura de males nos úteros femininos<sup>47</sup>.



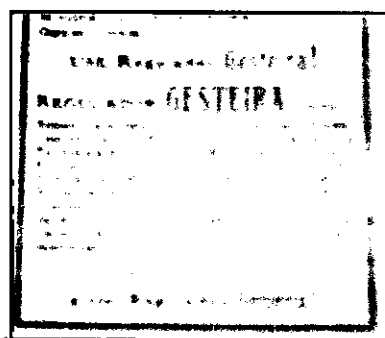
(Figura 1-Propaganda Gastricol)



(Figura 2-Propaganda Emulsão de Scott)



(Figura 3-Propaganda Kolyohimbina)



(Figura 4-Propaganda Gesteira)

<sup>47</sup> A República de 25 a 30 de junho de 1925

O jornal "A República" aproveitava para pôr anúncios sobre seus próprios serviços para a população, como a impressão de cartões de visita, blocos de notas, faturas, papel e envelopes para ofícios<sup>48</sup>.

#### 4.3 Novos leitores e novos jornais.

A década de 1920 começa com muita agitação, greves de operários no Rio de Janeiro e São Paulo agitam o Brasil, e fazem com que as elites fiquem em estado de alerta.

Em Natal nesse período, ocorreram mudanças em diversos aspectos, estavam nascendo novas referências culturais na vida dos natalenses: o Regionalismo e o Modernismo. Esses movimentos fizeram com que a vida cultural local sofresse uma alavancada:

No Rio Grande do Norte, os anos 20 foram marcados por diversas mudanças na vida política, na economia, nas relações sociais, na cultura e na literatura. Em Natal, capital do estado a produção cultural foi atingida por essas mudanças, resultando do processo uma diminuição

---

<sup>48</sup> Esses anúncios dos serviços prestados pelo jornal "A República" já existiam desde 1890, estendendo-se por todos os exemplares por mim pesquisados no período da Primeira República.

da relação de dependência quase exclusiva que existia, até então, entre a esfera cultural e a esfera do poder político local<sup>49</sup>.

No final do século XIX, os jornais estavam organizados de maneira que predominava notícias de cunho político, apenas com um pequeno agrado para o leitor, através da publicação dos Folhetins, que se constituíam em novelas por capítulos que chamavam a atenção do público feminino. Estruturalmente os jornais do século XIX estavam organizados contendo quatro páginas bem definidas no seu conteúdo, a primeira continha as notícias oficiais, as policiais, e algumas sobre moda, também havia anúncios de viagens de políticos, publicações de poesias, comentários sobre os municípios, à segunda página era totalmente destinada à política, pois tinha em muitos casos ataques a pessoas públicas e defesas ao pensamento republicano, a terceira página ainda trazia anúncios políticos e preços de produtos agrocomerciais além dos preços das feiras livres, nessa página começava os folhetins e terminava na quarta página juntamente com algumas propagandas.<sup>50</sup>

A década de 1920 marcou uma mudança nos jornais, com a melhoria na qualidade da impressão, e a diminuição do espaço destinado à política. A estrutura dos jornais desse período estava assim organizada: a primeira página mudou em relação à das edições da década de 1890, contendo agora um espaço batizado de "Telegramas", que trazia notícias de interesse ligados diretamente à população. Esse espaço era dividido em notícias do interior: tais como falecimento, chegada de pessoas ilustres à cidade, e do exterior: que versava sobre as notícias de diversas partes do mundo; nasce também uma parte intitulada "Vida Social", que trazia informes de aniversários, agradecimentos, falecimentos e também, condolências, etc; os jornais possuíam também uma parte chamada de "Várias", que continha como o próprio nome sugere

---

<sup>49</sup> ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de Araújo. Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN, 1995, 138p.

<sup>50</sup> Essa estrutura do jornal A República vigorou entre os anos de 1887 a 1899.

notícias de toda espécie, desde anúncios de festas religiosas até assuntos do Departamento da Fazenda e do Tesouro.

Nesse período, os jornais passaram a trazer até boletins meteorológicos, dando informes sobre a temperatura máxima e mínima, mas somente de dias passados; criou-se também uma sessão chamada de "solicitadas", onde eram solicitadas pessoas para trabalharem em prestação de serviço: traziam também as finanças do município o saldo existente da receita do governo.

Contudo, a grande revolução esteve na parte destinada às propagandas, que ganharam duas páginas inteiras.<sup>51</sup> Isso ocorreu mais devido a uma mudança de interesse do leitor, que não queria mais exclusivamente notícias políticas, e sim notícias variadas, queria um jornal que trouxesse tudo que pudesse agradar seus interesses.

Inicia-se assim, uma nova produção jornalística mais voltada para o leitor, fazendo com que a cada momento surgissem também novos jornais. A partir de 1915 começa a aparecer várias publicações entre revistas e jornais de vida efêmera ou não. Destes inúmeros jornais, para que possamos ter uma idéia desse crescimento vertiginoso, dessa nova imprensa do período podemos citar: "Aeroporto" (1915); "Automóvel" (1915); "Alfinete" (1915); "Via – Láctea" (1915); "Garoto" (1917); "Nota" (1917); "Cangica" (1918); "Olofote" (1918); "Jornal da Kermesse" (1919); "Boletim de Natal" (1919); "Atualidade" (1920); "Fon – Fon" (1920); "Bandeirante" (1920); "Augusto Leite" (1921); "Jornal do Norte" (1921); "Cipó" (1921); "Bacurau" (1923); "Folha do Povo" (1924); "Idéia" (1924); "Ba – Ta – Clan" (1925); "Boletim Estatístico" (1925); "Jornal da Noite" (1925); "Renascença" (1925); "Sempre Alerta" (1925); "Defesa" (1926); "Jornal do Comércio" (1926); "Nossa Terra...Outras Terras..."(1926); "Fogueira" (1927); "Riso" (1927);

---

<sup>51</sup> Essa modificação na estrutura destinada à propaganda esteve presente em todos os exemplares do jornal A República da década de 1920

"Cigarra" (1928); "Credito - Jornal" (1928); "Estado" (1928); "O Comércio" (1929); "Potengi" (1929); "Zé Pereira" (1929); "Bloco" (1930); "Laço" (1930); "Palavra" (1930).<sup>52</sup>

Assim, é notório à percepção de que as mudanças que fizeram com que aumentassem tanto o número de revistas e jornais num período tão curto foi justamente a influência que a população exercia na mídia em si, visto que todos esses periódicos tentaram preencher lacunas de interesse geral da população, que agora escolhia o periódico que mais lhe agradava.

---

<sup>52</sup> MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte: 1907 - 1987*. São Paulo: Cortez Editora, Natal - RN: Fundação José Augusto, 1987, 263p. Esses jornais estão catalogados no livro de Manoel Rodrigues de Melo, contudo estão todos por ordem alfabética e não cronológica, dificultando assim a pesquisa.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou reconstruir historicamente a importância da imprensa durante a Primeira República, suas inovações e relacionamentos com vários setores sociais ao qual esteve vinculada. A imprensa consolidou a forma de fazer política na Primeira República, pois foi o veículo que impulsionou as campanhas e discursos partidários.

A imprensa como órgão integrador da sociedade promoveu a inclusão da mulher no jornalismo, expondo suas idéias e pontos de vista, transformando o jornalismo de uma época na qual a discriminação com relação ao sexo feminino era acentuada e notória nesta cidade.

Os periódicos com o decorrer dos anos foram se desvinculando da política e se inter-relacionado com outros ramos sociais, visto precisarem se manter financeiramente, com isso, a entrada fortemente das propagandas mudou a cara do jornal que passou cada vez mais a permear suas páginas com anúncios variados.

Do ponto de vista social a cidade do Natal, desde o surgimento da imprensa, deu um grande salto de público leitor que a cada ano aumentou, provas disso foi justamente o elevado número de periódicos que apareceram com o decorrer dos anos na Primeira República.

O jornal como veículo informativo, representou uma forma de revolução comunicacional fazendo com que o jogo do debate político, do protesto partidário fosse o carro chefe para sua auto-afirmação. A aceitação desse veículo informativo pelas



peças deram-se pelas inovações dos comportamentos familiares, neste aspecto pode-se dizer que a sociedade também influencia e modela a imprensa.

## REFERENCIAS



ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte.** Natal: EDUFRN, 1995, 138p.

BALCÃO, Lier Ferreira. **A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913)** in FENELON, Déa Ribeiro (org.). **Cidades.** São Paulo: ed. Olho d'água, 1999.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Historia da cidade do Natal.** Natal – RN: Edição Instituto Histórico e Geográfico (RN), 1999, 496p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações,** Lisboa: Difel, 1990.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta, periodismo e vida urbana 1890 - 1915.** São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2.000.

DANTAS, Manoel. **Natal Daqui a Cinquenta Anos.** Natal: Coleção Mossoroense, serie B, 1989, 28p.

FERNANDES, Luiz. **A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908.** Natal: Sebo Vermelho e Fundação José Augusto, 1998. 162p.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment**, tese de doutorado em Sociologia, UNICAMP, 1993.

GERMANO [Et al.]. **A educação no Rio Grande do Norte: fontes oficiais**. Natal: EDUFRN, 2000.

GOMES, Otêmia Porpino. **Imprensa Feminina: O Jornal A Esperança (1903 – 1909)**. Natal – RN, 1999, Mestrado em comunicação Social (UFRN).

HUNT, Lynn (org.). **A Nova História Cultural**, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte: 1907 – 1987**. São Paulo: Cortez Editora, Natal – RN: Fundação José Augusto, 1987, 263p.

MACEDO, Diva Maria Cunha Pereira de; DUARTE, Constância Lima. (org). **Via Láctea de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914-1915**. Natal, RN: Editora NAC, CCHLA/NEPAM, Sebo Vermelho, 2003, 123p.

MENDONÇA, Alvamar Furtado de. **José da Penha: um romântico da república**. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 1970, 40p.

PINTO, Lauro. **Natal Que Eu Vi**. Natal – RN: Imprensa Universitária. 1971, 91p.

POIARES, Valter Ramos. **Comunicação Social e Relações Públicas**. 2 ed Rio de Janeiro: Agir, 1974, 332p.

SOUZA, Eloy de. **Costumes Locais**. Natal: Sebo Vermelho e Verbo. 1999, 60p.

SOUZA, Itamar de. **Fascículo do Diário de Natal**. Projeto Ler, nº 3. 8 de junho de 1999, Natal RN.

SOUZA, Itamar de. **A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 – 1930)**. Natal: Centro Gráfico do Senado Federal Brasília – DF, 1989, 270p. Edição comemorativa do primeiro centenário da proclamação da República do Brasil.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **A educação no Rio Grande do Norte: fontes oficiais**. Natal: EDUFRN, 1997, v.1, 246p.

**A REPÚBLICA**. Natal. n. 27, mar. 1897.

**A REPÚBLICA**. Natal. n. 77, abr. 1898.

**A REPÚBLICA**. Natal. Jun.1925